

ENTREVISTA A IVO MARTINS DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DE JAZZ DE GUIMARÃES

ATUALIDADES

UMA VIDA ENTRE A MÚSICA E A ARTE

Ivo Martins é diretor artístico do Guimarães Jazz, desde 1996, sendo esta a faceta que sem dúvida é mais conhecido. Porém, tem uma vida preenchida com diversas áreas de interesse e atividades que o acompanham desde sempre. É colecionador de arte há mais de 30 anos, autor do programa de rádio "O Baile dos Bombeiros", na Rádio Universitária do Minho, que também conta com uma longa vivência. A nível profissional é Administrador Hospitalar. É também autor de dois livros: "Em Trânsito, em Morte" (Editora Sete Nós, Porto, 2012) e "O Jazz Depois do Jazz" (Editora Sete Nós, Porto, 2017).

Qual será o segredo para fazer tanta coisa ao mesmo tempo e tão bem? "Muito trabalho", responde. Mas será mesmo só isso?

Numa conversa informal e descontraída - que decorreu nas instalações da Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, instituição que também Ivo Martins fez parte enquanto presidente da Assembleia Geral entre 2000 e 2005 - revelou-se ser uma pessoa despretensiosa e com humor.

Ivo Martins fez recentemente 66 anos. Viveu quase sempre em Santo Tirso numa das artérias principais da cidade, onde teve uma galeria de Arte, a A5, entre 1988 e 1994. Vive os seus dias de forma serena, dedicando-se a diferentes formas de expressão artística: arte, literatura e música. Diz-se curioso e gostar da vida como ela é, sem artifícios.



©Teresa Ribeiro

Apesar de ser muito dinâmico, é tido como pessoa discreta. Concorda?

Sou uma pessoa normalíssima, que faz muitas coisas ao mesmo tempo e que não lida muito bem com a exposição pública. Tento ser discreto no que faço, não procuro destacar-me, ser o centro das atenções. Mas admito que seja conhecido pela minha ligação ao jazz, com o festival de Guimarães e devido às artes plásticas mais do que em relação a tudo o resto. Mas tenho uma atividade profissional muito ampla onde lido com muita gente. O hospital é uma estrutura complexa, com diferentes interesses e pressões. Aprendi muito com a minha profissão, mas fui mantendo sempre em simultâneo outros focos de interesse.

Faço as coisas porque gosto, é tudo muito espontâneo, sem objetivos premeditados, nem grandes planificações.

Como explica a longevidade dos projetos a que está associado? Há algum segredo para a gestão do seu tempo?

Também a mim me surpreende às vezes que as coisas durem tanto tempo e que estejam em constante crescimento, evolução. O Guimarães Jazz é prova disso, estou neste projeto há 23 anos, e o programa de rádio "Baile dos Bombeiros" de que sou autor já está no ar há 33 anos. Mas acredite que não há verdadeiramente um projeto, existe sim uma pulsão e muito trabalho à mistura. Eu tenho uma vontade enorme de fazer coisas. Diariamente leio, escrevo e ouço música. Faço as coisas porque gosto, é tudo muito espontâneo, sem objetivos premeditados, nem grandes planificações.

Faz também algumas colaborações para publicações escrevendo sobre exposições, livros?

Sim vou escrevendo sobre as coisas que vão surgindo, é uma coisa que me dá um enorme prazer, apesar de me tomar bastante tempo, de interromper outras coisas que faço. Gosto de me manter informado do que se passa e essa é uma das formas de o fazer.

É uma pessoa multifacetada e que gosta de estar sempre ocupado?

Eu consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo. A música está sempre presente na minha vida. Leio, escrevo, vejo televisão, tudo com música. Gosto particularmente de otimizar o tempo que tenho.

A rádio é uma paixão de sempre. O "Baile dos Bombeiros" está, como referiu, no ar há quase três décadas e chegou inclusive a apresentá-lo. Mas o fascínio por este meio de comunicação, pelo que sei, vem do tempo das rádios piratas?

Como era fazer rádio nessa época?

Era fantástico, sem dúvida. Comecei com o programa na Rádio Delírio, que era uma rádio pirata. Era tudo novo, um grande desafio. Ensinou-me a colocar a voz, a escrever para se ler, dizer. E aprender a escrever para rádio deu-me uma prática de escrita para tudo o resto que faço hoje. A forma como se estrutura o texto, se ligam as pontas de um tema. E para se escrever, temos de ler e escrever muito. Há muito

ATUALIDADES

ENTREVISTA A IVO MARTINS DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DE JAZZ DE GUIMARÃES

ATUALIDADES

trabalho n'“O Baile dos Bombeiros”, escrevia todas as semanas umas 20 páginas. Passava dois discos, um em cada hora. E os temas eram muito variados, desde os músicos, os instrumentos, os estilos de jazz, como faziam aquilo, ou às vezes abordava um pouco da história de jazz. Eu era muito livre nos temas. Foi uma excelente escola.

Tem já dois livros publicados, “Em Trânsito, em Morte” (Editora Sete Nós, Porto, 2012) e “O Jazz Depois do Jazz” (Editora Sete Nós, Porto, 2017). O que se segue?

Não penso muito nesses moldes. Os meus livros são essencialmente ensaios e foram feitos muito devagar. E foi tudo por acaso: por exemplo o “Em Trânsito, em Morte” foi escrito entre 1995 e 1999. É um livro duro, aborda vários temas desde arte, vida, poesia, literatura, filosofia, enfim fala das pessoas. Fiz cinco versões do livro, reescrevendo diversas vezes.

Coloquei tudo numa pen drive e em conversa com Manuel Neto (editor dos livros e que edita os meus textos para o Guimarães Jazz) falei dos textos, ele pediu para os ver, leu e mais tarde convenceu-me a mostrar o meu trabalho a uma editora, e assim foi. Estes textos estiveram vários anos dentro de uma pen, longe de imaginar que poderiam interessar a alguém. Claro que hoje não escrevo da mesma maneira que há uns anos atrás, pois agora penso que o que escrevo pode ser lido. Mas na altura foi mesmo um voo picado. A escrita é muito importante para mim porque me organiza mentalmente.

Eu olho para a arte de forma afetiva e emocional, mas também de maneira racional e reflexiva.

A arte nas suas variadas manifestações desde pintura, escultura, literatura, música foram desde muito cedo importantes focos de interesse. Quais foram as suas influências?

Acho que a sensibilidade para a arte nasce connosco, mas o meio sem dúvida que a influencia. Eu cresci num ambiente ímpar. O meu pai era uma pessoa muito dotada, desenhava muito bem. Dominava uma série de técnicas, retratava de forma excepcional, fazia caricaturas e publicidade. Por exemplo, muitos dos logótipos das corporações de bombeiros de Santo Tirso são do meu pai. Outra curiosidade interessante é que ele fazia as carroçarias dos carros de bombeiros. Ele tinha um atelier nas águas furtadas e era aí onde criava tudo. Eu cresci nesse ambiente e todos os dias via o meu pai a fazer coisas. Era uma coisa mágica para mim ver uma folha em branco e depois aparecer o desenho. Lembro-me que gostava de ler e consultar os livros dele de pintura sobre impressionistas. E com 18 anos já sabia o que era um bom e um mau desenho. Fui adquirindo, assimilando conhecimentos de diversas formas. Há toda uma perceção do trabalho que está por detrás de uma pintura, escultura, há o ofício de quem o executa. Eu olho para a arte de forma afetiva e emocional, mas também de maneira racional e reflexiva.

E o que é que leva uma pessoa a colecionar? Como se tornou num colecionador, como é que se começa?

Quando era miúdo pedia quadros aos amigos do meu pai. (risos)



©Teresa Ribeiro

ATUALIDADES

E eles davam?

Sim, claro. Depois dessa fase comecei a comprar. Por exemplo, comprei fotografias ao Manuel Sousa, em 1973/4, eram essencialmente fotografias a preto e branco. São fotografias incríveis de zonas rurais profundas, muitas delas do Gerês.

Mas, com regularidade, comecei a comprar no princípio dos anos 80, nomeadamente pintura e escultura. Estou na arte porque me sinto bem, fui também evoluindo. Hoje em dia até compro projetos, instalações e vídeos. Sei que um colecionador privado à partida não compra isso, porque o que tem valor é o que no mercado é transacionável, como a pintura e a escultura. Mas gosto de conhecer outras formas de arte, sou muito curioso.

E como é a sua coleção? Atualmente é composta por quantas peças, de quantos artistas? Só pintura, escultura, ou abrange mais áreas?

Na década de 1980 tive uma galeria de arte aqui em Santo Tirso, a A5, com o Avelino Leite e o José Guilherme Pelayo, o que me permitiu estabelecer contactos com jovens artistas. Comecei a comprar pintores que mais gostava. E há alguns pintores portugueses de que eu gosto mesmo muito. Para mim há cinco pintores que são muito importantes, não tenho obras de todos, porque não tinha dinheiro para as ter, pois sou uma pessoa com um rendimento normal. Tenho apenas de dois deles, Álvaro Lapa e Joaquim Bravo. Neste momento, a maior parte da minha coleção está em Serralves e tem um número aproximado de 350 peças de 30 artistas. Comecei a colecionar jovens artistas que hoje têm cerca de 50 anos e de quem tenho

ENTREVISTA A IVO MARTINS DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DE JAZZ DE GUIMARÃES

ATUALIDADES

40 peças de cada um, conseguindo abranger assim um arco temporal de 20 ou 30 anos do seu trabalho.

Não tem obras de arte em casa?

Não, está tudo por aí (risos). A maior parte está no Museu de Serralves o que é ótimo porque assim estão salvaguardadas todas as condições de preservação e manutenção das obras.

Tem uma relação distante com as peças que possui. Não precisa de estar próximo, de as ver diariamente?

Não faz sentido guardar as coisas só para mim, as peças podem perfeitamente estar noutros locais e serem apreciadas, observadas por outros. Mas há quem tenha um Van Gogh numa sala para pura contemplação. Para mim isso não faz qualquer sentido. A minha coleção está cá toda dentro (aponta para a cabeça), é uma coisa íntima, um conjunto de coisas que estão ali e que são uma espécie de espelho do que eu sou, do meu percurso.

E como são as obras, há alguma coisa comum entre elas?

Gosto de coisas muito depuradas, austeras, duras, cruas, difíceis, fazem-me pensar, refletir, questionar.

Quantas vezes foi exposta a sua coleção?

A coleção foi exibida três vezes. No ano passado estive em exposição no Centro Internacional de Arte de José de

Guimarães (CIAJG), em Guimarães, "A Arte como Experiência do Real, Curador: Nuno Faria; em 2004, na Culturgest, no Porto, "Proximidades e Acessos", Curador: Miguel Wandschneider; e antes disso, em 2001 estive no CAPC (Centro de Artes Plásticas de Coimbra), "321m2, Trabalhos de uma Coleção Particular", Curador: Paulo Mendes. Muitas vezes Serralves pede-me autorização para emprestar as peças para mostras em várias zonas do país.

São as peças que o levam a conhecer os artistas e não o inverso. Como é a relação, colecionador/ artista?

É uma relação de muita cumplicidade. Há um compromisso muito sério entre mim e os artistas, crio laços de relacionamento muito profundos e de muita confiança. De outra forma não poderia ser, sem uma certa abertura por parte deles.

Já pensou escrever um livro sobre a sua coleção de arte?

Sim já, mas não sei se serei capaz de o fazer, porque é difícil concentrar tudo num único ponto de vista e há tanta coisa que contribuiu para esta coleção. Mas muitos dos artistas e das pessoas que me conhecem bem, dizem-me muitas vezes que devia fazê-lo. Quem sabe um dia.

E a literatura o que mudou a sua vida?

Os livros permitem autênticas viagens. A minha paixão pela leitura começou aos 18 anos. Lia muitos romances na altura,

nomeadamente os clássicos todos. Gostava particularmente dos russos, Leon Tolstoi, Dostoievski, Pushkin, Soljenítsin, Pasternak, Techkhov. Depois comecei a interessar-me mais por ensaios de filosofia, sociologia, de autores como Slavoj Žižek, Zygmunt Bauman, George Steiner, Deleuze, Foucault, Sloterdijk, Byung-Chul Han, Giorgio Agamben, Castoriadis, Rancière... Atualmente quase não leio romances, mas há nomes incontornáveis da literatura contemporânea como Thomas Bernhard, W.S Sebald, e Milan Kundera. São autores marcantes e com obras notáveis.

Nasceu em Santo Tirso, viveu sempre aqui...porquê?

E porque não? Sempre vivi na mesma rua, mas em casas diferentes. Gosto da cidade, das pessoas que são simpáticas, afáveis, sinto-me em casa. Tenho uma relação íntima com a cidade mas não é nada institucional.

Mas esteve ligado a duas instituições da cidade? A Santa Casa da Misericórdia e a ASAS - Associação de Solidariedade e Ação Social de Santo Tirso.

Sim. A verdade é que se me convidam tenho dificuldade em dizer não. Mas prefiro ter uma vivência o mais discreta possível. (risos)

Regressando à música, ela está sempre presente na sua vida?

Ouçó música desde muito novo, sempre me emocionou. Sempre ouvi todo o tipo de música, ouvia jazz sem saber que era jazz, contemporânea, erudita, clássica, rock, de tudo um pouco, e ainda hoje é assim. Na adolescência fiz parte de uma



©Miguel Estima

banda rock, chamada Síntese, onde era baterista. Foi um período muito divertido, mas nunca me senti músico. Era muito tímido.

Deve ter milhares de livros, discos. Onde estão guardados?

Tenho pouca coisa em casa. Há vários milhares de discos e livros que estão arquivados em caixas no Arquivo Municipal e na Biblioteca de Guimarães. Em casa seria impensável.

De onde vem essa energia, essa vontade de fazer coisas?

Não sei. Também fico espantado, mas a verdade é que escrevo todos os dias sobre jazz e sobre outros temas. Estão sempre ideias a surgir. •

POR CARLA NOGUEIRA (JORNALISTA)

ATUALIDADES